

SEMANA
SANTA
2013



MARCAS DE ESPERANÇA

Sermonário

SEMANA SANTA

2013

MARCAS DE ESPERANÇA

EXPEDIENTE:

Temas: Jair Garcia Goes – UCOB

Coordenação Geral: Everon Donato – DSA

Diagramação e Designer: Claudia Suzana R. Lima

Editoração: Grace C. F. Deana

Pintura Original: JoCard

REALIZAÇÃO: DIVISÃO SUL-AMERICANA



SUMÁRIO

1. A Missão de Maria	4
2. A Mensagem de João Batista	11
3. A Vocação de Natanael	17
4. A Visão de Bartimeu	24
5. As Oportunidades de Judas	31
6. O Encontro com Simão Cireneu	37
7. A Sensibilidade do Centurião	43
8. A Esperança dos Discípulos de Emaús	50

1

A Missão de Maria

Texto Bíblico: Mateus 1:18-25

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar que há um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, Homem (1 Timóteo 2:5).

INTRODUÇÃO:

Uma senhora analfabeta foi ao médico e, depois de realizar alguns exames, ele lhe perguntou:

– A senhora é cristã, não é? Eu gosto muito dos cristãos, mas só há um problema: eles falam muito em Jesus, porém, falam pouco sobre Maria.

Depois de alguns momentos de silêncio, foi ela quem falou:

– Doutor, posso lhe fazer uma pergunta também?

– Sim.

– Se eu chegasse aqui e sua secretária me dissesse que o senhor não estava, mas que a sua mãe me atenderia em seu lugar, o senhor acha que eu iria querer ser atendida por ela?

– Claro que não, quem se formou em Medicina fui eu e não ela!

– Muito bem, doutor, quem morreu na cruz por mim foi Ele, e não ela!

Essa história não diminui o valor de Maria, a querida mãe de Jesus. Apenas apresenta a quem realmente devemos nossa vida.

O fato é que nenhum de nós pode contar a história de Jesus e excluir Maria. Ela recebeu uma missão de suprema magnitude. Essa missão que ela aceitou em sua vida pode ser resumida em três atos:

- Dar à luz o Salvador.
- Dar um nome ao Salvador.
- Aceitar o Salvador.

I – DAR À LUZ O SALVADOR

Com a entrada do pecado neste mundo, surgiu a necessidade de um Salvador. O apóstolo Paulo justifica essa necessidade em Romanos 5:20.

Em Gênesis 3:15, temos a primeira promessa de um Salvador. Cerca de quatro mil anos depois, a promessa se cumpriu “na plenitude do tempo” (Gálatas 4:4) – no tempo de Deus.

As profecias indicavam que o Messias viria ao mundo com a participação de uma mulher. (Isaías 7:14). Quando o tempo de Deus se cumpriu, uma virgem, noiva de um viúvo, foi escolhida para o papel de mãe do Messias. A escolha dessa virgem foi feita pelo Senhor. “... o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Samuel 16:7).

Como a fecundação não contou com genes humanos, Maria ficou grávida sem depender da participação de um homem. O caráter de Maria se revela em sua total submissão. Ela poderia ter pedido: “Senhor espere primeiro eu me casar para depois aparecer grávida.” Poderia ter alegado: “O que vão pensar de mim se eu aparecer grávida sem ser casada? O que meu noivo irá pensar?”

Ela não fez nenhuma objeção. Sua resposta foi: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lucas 1:38).

Maria confiou em Deus para resolver todos os problemas que viriam, inclusive com José, seu noivo. E Deus resolveu. Deus resolve todos os nossos problemas quando confiamos nEle. Após o período normal de gestação, ela cumpriu o primeiro ato de sua missão: deu à luz o Salvador do mundo. O segundo ato não era menos complexo que o primeiro: dar um nome ao Salvador.

II – DAR UM NOME AO SALVADOR

O nome com que o Menino deveria ser registrado foi dito antes de Ele nascer. Seu nome estava relacionado com a Sua missão. “Emanuel, que quer dizer: Deus conosco” (verso 23).

Naquela época, a maioria dos nomes tinha um significado. Quando os pais davam nomes aos seus filhos, assumiam o compromisso de educá-los de modo a fazer jus ao seu significado. “Na Bíblia, a atribuição do nome estava relacionada à expectativa dos pais, a algum fato ocorrido durante a gravidez, ao momento do parto, ou à esperança que ele representava” (Internet – *nomes-biblicos.blogspot.com/* – *Sobre Apocalipse 2:17*).

Assim, a tarefa dos pais não era simplesmente dar nome aos filhos. Era muito mais do que isso, era educar o filho para que ele pudesse viver em harmonia com o significado do nome que recebeu.

Portanto, o segundo ato da missão de Maria era educar o menino Jesus para que honrasse o significado do Seu nome, “porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles” (verso 21).

Ellen White comenta o seguinte: “Nos dias de Jesus, os judeus davam muita importância à educação dos filhos. Suas escolas eram anexas às sinagogas ou casas de culto; os mestres denominavam-se rabinos e eram pessoas que se supunham dotadas de cultura. Jesus não frequentou essas escolas, porquanto ensinavam muitas coisas que não eram verdadeiras. Em vez da Palavra de Deus, eram os preceitos dos homens que ali se estudavam, e muitas vezes estes estavam em contradição com o que Deus havia ensinado pelos profetas. Deus mesmo, por Seu Espírito, instruiu Maria como devia educar seu Filho. Maria instruía a Jesus nas Santas Escrituras, e Ele as lia e estudava por Si mesmo” (E. G. White, *Vida de Jesus*, 1987, p. 38).

“Jesus apreciava também o estudo das maravilhas de Deus no Céu e na Terra. Nesse livro da natureza, admirava as plantas, os animais, o Sol e as estrelas. Anjos do Céu O assistiam, ajudando-O a aprender desse livro acerca de Deus” (Ibid., p. 39).

Maria conseguiu. “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52).

III – ACEITAR O SALVADOR

A. Bullón, tratando desse tema, fez o seguinte comentário em um dos seus sermões:

Vou tratar agora de um assunto muito delicado: a Santa Virgem Maria. Como todos sabemos, o inimigo é muito astuto. Ele não quer cristãos equilibrados. Ele quer nos levar ao fanatismo ou ao liberalismo. Isto é certo com relação a qualquer assunto da Bíblia.

Vejam, o inimigo leva muitos cristãos que têm a Bíblia nas mãos a pensar do seguinte modo: A virgem Maria não é importante. Ela foi uma mulher como qualquer outra. Não temos que falar muito dela porque isso é idolatria.

Se um cristão, com a Bíblia aberta, diz isso, ele não sabe o que está dizendo, porque a virgem Maria foi um ser humano sim, mas não foi um ser humano comum. Ela foi uma mulher com uma experiência maravilhosa com Deus. Ela foi uma mulher de vida piedosa, exemplar.

Hoje, a figura da virgem Maria se levanta como um exemplo de vida, de entrega e de comunhão com Deus. Por isso, ela merece todo o nosso respeito e a nossa admiração.

Entretanto, o inimigo não quer pessoas equilibradas. Ele tanto leva os cristãos ao extremo de serem desrespeitosos com ela, como as engana e as leva para outro extremo.

Existem muitas pessoas sinceras e maravilhosas que pensam assim: “A virgem Maria é a nossa salvadora. Temos que ir a ela porque talvez ela possa nos salvar, possa resolver os nossos problemas. Não estamos passando por dificuldades? Vamos nos ajoelhar perante ela... ela pode nos ajudar.” Essas pessoas agem desse modo com toda a sinceridade. No momento de desespero, procuram a ajuda da santa virgem Maria. E os cristãos do outro extremo olham para elas com olhos acusadores e dizem: “Vocês são idólatras. Adoram um ser humano.”

No casamento de Caná da Galileia, as pessoas tinham Jesus presente, mas em lugar de ir a Ele, foram à virgem Maria, e ela, com

todo o carinho, lhes disse: “Filhos, eu não posso resolver esse problema, mas conheço a única Pessoa que pode fazer isso para vocês.” E os levou a Jesus. Se hoje ela estivesse viva, com certeza faria a mesma coisa. A Bíblia afirma que a virgem Maria, por mais extraordinária e piedosa que tenha sido, precisava de um Salvador. Veja uma de suas orações: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador” (S. Lucas 1:46, 47).

Amigos, se ela precisava de um Salvador, era porque ela era um ser humano e não tinha condições de salvar ninguém. Tudo bem, você pode estar me dizendo: “Eu não a tenho como minha salvadora. Ela só é a minha intercessora, minha intermediária, minha mediadora.” Quanto a isso, a Palavra de Deus diz: “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem” (1 Timóteo 2:5). Isso é o que diz a Bíblia. É só Jesus Cristo e mais ninguém. É por isso que quando os homens no casamento de Caná foram até Maria pedindo ajuda, ela, com o maior carinho, os levou a Jesus. Jesus era o único capaz de resolver problemas.

Se a santa virgem Maria (a quem amo e respeito muito, porque quando Deus escolheu uma mulher para gerar Seu Filho neste mundo escolheu essa piedosa mulher) estivesse viva e hoje pudesse falar quando uma pessoa fosse a ela pedindo ajuda, ela a abraçaria e lhe daria talvez um beijo de amor, e com carinho lhe diria: “Filho, eu lhe agradeço pela sinceridade de coração com que você vem a mim, mas não posso fazer o que você me pede. Eu também sou um ser humano. Eu também preciso de um Salvador. Jesus é o único Mediador entre você e o Pai.”

Voltemos agora ao casamento de Caná da Galileia e vejamos o que Maria disse aos homens: “Vocês querem que o problema da falta de vinho seja resolvido? Então, façam tudo o que Ele vos mandar.” Essa é a declaração mais bonita que a santa virgem Maria nos deixou. Se Ele mandar você ir para a direita, vá para a direita; se Ele disser para ir para a esquerda, vá para a esquerda. Por favor, não tente mudar o que Ele mandou. Cumpra o que Ele ordenou.

Nós, os seres humanos, não temos humildade suficiente para ir à Bíblia e fazer o que Ele nos manda. Estamos sempre tentando corrigir a Deus e tendemos a interpretar e colocar as nossas próprias opiniões. Não podemos viver fazendo certas modificações que nos são convenientes.

É a virgem Maria quem diz: “Não faça isso. Se você não quiser criar problemas para você mesmo, faça tudo o que Ele ordenou.” Sabe por que a virgem Maria deu esse conselho? Porque, muitas vezes, as coisas que Deus nos pede parecem loucura.

Naquele casamento em Caná da Galileia, os homens se dispuseram a obedecer a Jesus. E sabe o que aconteceu? Jesus lhes disse: “Enchei essas vasilhas com água!” Os homens olharam para Jesus e disseram: “Senhor, Tu não estás entendendo o nosso problema. O nosso problema não é a falta de água, e sim de vinho!” Mas a virgem Maria havia dito: “Fazei tudo o que Ele vos disser.”

Deus, por certo, vai nos pedir coisas que parecem incoerentes e loucura aos nossos olhos. Encher as vasilhas com água... para quê? Não precisamos de água, precisamos de vinho. Mas não discuta com Deus. Se Deus mandou encher as vasilhas com água, obedeça. Deus conhece o seu problema e quer solucioná-lo.

Os homens, um tanto incrédulos, encheram as vasilhas com água. Então Jesus lhes disse: “Podem servir.” Eles olharam as vasilhas, e lá dentro havia água. Novamente Jesus lhes disse: “Sirvam.” E eles pensaram: “Senhor, Te obedecemos até aqui, mas não vamos continuar. Servir água em lugar de vinho é a maior humilhação que um anfitrião pode passar.” Na verdade, nós, os seres humanos, somos muito imediatistas. Queremos ver os resultados logo. E com Deus, às vezes, as coisas não funcionam dessa maneira.

Talvez você não esteja entendendo a magnitude do problema daquele casal. Naquele tempo, se acabasse o vinho numa festa de casamento, essa seria a maior vergonha que alguém poderia passar na vida. Essa história é a história de um casal à beira da desgraça. Entretanto, um milagre divino transformou a água em vinho e resolveu o seu problema.

Eu pergunto: Aquele Jesus que teve poder para transformar a água em vinho não tinha poder para encher as vasilhas? Claro que tinha. Por

que então ordenou que enchessem as vasilhas com água? Aqui está a participação humana. Deus não pode forçar ninguém. Ele pode transformar sua vida e fazer milagres. O que Ele não pode fazer é entrar em seu coração sem a sua licença.

Você tem que abrir o coração a Ele. Você tem que encher a vasilha com água. Para Deus, não importa a distância que você está dEle. Não importa o tamanho do seu problema. Não importa quão baixo você caiu. O milagre é com Deus. A decisão é com você.

Maria ensinou isso a todos nós. Seu nome carrega as MARCAS DE ESPERANÇA.

CONCLUSÃO

Temos visto marginais, prostitutas, homossexuais, ateus e agnósticos caindo aos pés de Cristo. Hoje, eles são homens e mulheres transformados pelo poder de Deus. Homens e mulheres com as MARCAS DE ESPERANÇA. Não há nada que Jesus não possa fazer. Ele vive e está perto de você, mesmo que você não possa vê-Lo.

APELO: Jesus está chegando. Está batendo à porta de seu coração, porém, Ele não pode entrar sem que você diga SIM. Não existe outra maneira de você receber o grande milagre da transformação a não ser pela sua decisão a favor de Cristo.

Não basta apenas saber que Ele nasceu. Não basta saber o que significa o Seu nome. É necessário fazer uma oração sincera, à semelhança de Maria, e aceitá-Lo como seu Salvador. Só assim a vida se encherá de alegria!

Se você sente que seus sonhos estão se desmoronando, deixe que Jesus os reconstrua. Se você sente que deve abrir o coração a Jesus, não espere mais. Dê a Ele uma oportunidade. Entregue-se a Jesus e deixe-O consertar as coisas erradas em sua vida. Através de Seu amor, Ele quer colocar em sua vida as MARCAS DE ESPERANÇA!

2

A Mensagem de João Batista

Texto Bíblico: João 1:15-34

OBJETIVO DO SERMÃO: Demonstrar que somos totalmente dependentes da graça de Cristo.

INTRODUÇÃO:

Imaginem se um pregador hoje começasse o seu sermão assim:

“Raça de pecadores! Não pensem que vão escapar do julgamento de Deus! Mudem seu comportamento imediatamente! Deus requer uma vida honesta e justa daqueles que se declaram Seus filhos. As atitudes e os valores que Deus aprecia são as atitudes e valores do Seu Reino. A vida justa é fruto do arrependimento sincero, que significa pensar e agir em harmonia com os mandamentos de Deus. Os conceitos do mundo, não são os conceitos de Deus; os padrões do mundo, não são os padrões de Deus. Não pensem que basta dizer que frequentam uma igreja. Igreja não salva ninguém. Dentro em breve, seu comportamento será exposto. Todo aquele que não produzir bom testemunho será tido por culpado. Vocês desprezam os valores morais, valores como a honestidade, virgindade e fidelidade. Se vocês não mudarem, serão destruídos para sempre.”

Pensem, se houvesse hoje um pregador que estivesse todo tempo a criticar as pessoas que se gloriam de coisas das quais deveriam ter vergonha de praticar, como reagiriam elas?.

Pois bem, nos dias de Jesus, esse pregador chamava-se João Batista. Por que ele adotou esse modelo tão acusador? Será que ele gostava de humilhar as pessoas?

Querem minha opinião? Penso que ele conhecia as doenças das pessoas e queria convencê-las a procurar um médico capaz de curá-las. João nos ensinou que Jesus é o único ingrediente para todas as receitas da vida. Sua mensagem foi de identificação, e ele identificou:

- Quem era ele.
- Quem era o povo.
- Quem era Cristo.

I – QUEM ERA ELE?

João se considerava muito pouco diante da grandeza de Cristo (verso 27). Ele só conseguia ver sua indignidade em contraste com a dignidade de Cristo. Para mim, João foi o primeiro discípulo de Cristo, embora não reivindicasse nada, nenhum título, nenhuma posição. Ele justificava a sua missão dizendo: “Eu sou a voz do que clama no deserto” (verso 23).

O que João quis dizer com isso? O deserto é um lugar silencioso. João quebrou o silêncio do deserto com a sua voz, sua mensagem e seus apelos. João trouxe vida ao deserto.

As pessoas geralmente fogem do deserto. Nos dias de João, porém, as pessoas corriam para o deserto para ouvi-lo. Considerem um pouco o seguinte fato:

Havia quatrocentos anos que a nação de Israel se tornara um deserto. Não se ouvia a voz de nenhum profeta. O povo vivia oprimido por seus conquistadores. De repente, o silêncio do deserto foi quebrado por uma voz que se levantou com vigor.

Para um povo sequioso de esperança, a voz que se levantou no deserto prometeu um oásis. No início, o povo pensou que ele fosse o próprio oásis, até que ele se levantou e disse: “Eu sou apenas a voz que quebra o silêncio do deserto, mas Aquele que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim” (verso 15). Em outras palavras, João disse: “Ele é o noivo, eu sou apenas o amigo do noivo.”

Falando dAquele a quem ele veio apresentar, disse certa vez: “Eu não sou digno de desatar-Lhe as correias das sandálias” (verso 27). Suas palavras significavam: “Eu não sou digno de ser nem Seu escravo.”

Naquela época, antes de um rei apresentar-se em público, deveria ser anunciado por um arauto. O propósito dessa apresentação era chamar a atenção de todos para aquele que vinha a seguir e que deveria ser ouvido com atenção.

A apresentação de uma pessoa muito ilustre era uma tarefa honrosa para o arauto. Sua principal função era pedir os aplausos para quem estava vindo após ele.

Tudo o que encontramos na biografia de João nos dá a certeza de que ele tinha plena consciência do seu papel de arauto, mas ele também tinha plena consciência da condição do povo.

II – QUEM ERA O POVO?

Quando ele focou a condição do povo, pareceu rude. Para ele, o deserto representava a própria condição do povo: eram pessoas longe de Deus, escravas da vaidade e amantes da posição. Divididas entre dois extremos: o orgulho e a legalismo (Lucas 3:8).

João resumiu tudo o que sabia sobre o povo em uma frase bem curta: “raça de víboras” (Lucas 3:7). O deserto era conhecido como a habitação de víboras perigosas e cheias de veneno. Ao chamá-los de víboras, João estava usando uma figura de linguagem para descrever a condição moral e espiritual em que o povo se encontrava.

João mostrou-se um pastor atípico. Um pastor que não foi ao encontro das ovelhas doentes da casa de Israel. As ovelhas doentes da casa de Israel é que iam ao deserto para se encontrarem com o pastor.

Ao chamá-los de víboras, estava, de certa forma, dizendo: “O deserto é o *habitat* de vocês.” Estava dizendo também: “Vocês têm um deserto dentro de vocês, cheio de víboras.” As víboras eram certamente as condições em que se encontravam. Sendo assim, víboras por fora e víboras por dentro.

O povo era como a árvore sem fruto. No seu apelo, João pediu que eles produzissem pelo menos um fruto, o fruto do arrependimento (Lucas 3:8). Que fruto é esse? Esse fruto só pode ser colhido se o viajor cansado encontrar um oásis. O povo precisava de um oásis. João, de certa forma, já havia dito: “Eu não sou o oásis, mas o Oásis está entre vós.”

Deus havia revelado a João, por ocasião do batismo de Jesus, que Ele, Jesus, era o Seu Filho amado, Emanuel, Deus Conosco (Mateus 3:16, 17). João sabia agora tudo sobre Cristo. Quando ele viu Jesus discretamente entre a multidão, não se conteve e anunciou: “Eis aí Aquele de quem vos tenho falado” – “Aquele a quem tenho anunciado” – “O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

Sua missão estava concluída quando ele anunciou o Salvador. Como um arauto, depois de cumprida a sua honrosa tarefa, deveria então deixar o palco. Há, porém, um episódio que merece ser destacado antes de João ter-se retirado de cena. Alguém o procurou e anunciou o sucesso de Jesus. Sua resposta foi magnífica: “Convém que Ele cresça e que eu diminua” (João 3:30).

Sua declaração equivale a dizer: “Eu já cumpri a minha missão. Meu papel era anunciá-Lo.” Certamente, ele cumpriu muito bem a sua missão quando disse: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” Para o povo judeu, essa informação tinha um significado profético. O profeta Isaías havia comparado o Messias a um cordeiro. (Isaías 53:6, 7). Estaria João apresentando o Messias prometido?

III – QUEM ERA CRISTO?

João havia falado sobre si mesmo, havia falado sobre o povo e começou a falar sobre o Messias. Profeticamente, o Messias já havia sido apresentado como o Cordeiro. (Isaías 53:7). João ligou então a figura do cordeiro a três ações: arrependimento, confissão e perdão. Em outras palavras, com a apresentação de Jesus, ele convidou o povo a pensar nessas três ações. Vejamos como podemos enxergar essa projeção de João:

João apresentou Jesus sem rodeios e sem cerimônia. Sua apresentação levou o povo direto para o pátio do santuário. João estava naquele momento profetizando sobre o Calvário. A cerimônia que exigia o sacrifício de um animal estava com os dias contados. Um sacrifício superior e definitivo seria realizado (Hebreus 7:22). Crer e aceitar aquele sacrifício resultaria em perdão e salvação.

Jesus, certa vez, elogiou João dizendo: “...entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no Reino dos Céus é maior do que Ele” (Mateus 11:11). João foi o maior profeta nascido de mulher porque a nenhum outro foi dado o privilégio dado a ele: ser o arauto do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

João não foi o maior por si mesmo, mas pelo que lhe foi revelado e a quem ele revelou. Entretanto, a revelação dada a João não foi completa. João morreu sem testemunhar as cenas do Calvário. É nesse sentido que “o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”. É nesse sentido que nós somos maiores do que João Batista, pois vivemos depois do Calvário e sabemos o que o Cordeiro de Deus fez por nós.

João não soube do sacrifício do Cordeiro, ocorrido naquela sexta-feira santa; João não soube da ressurreição do Cordeiro no terceiro dia; João não soube da promessa feita a respeito do outro Consolador; João não soube da promessa da volta de Jesus nas nuvens do céu; João não soube que o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, tornando-os arautos da segunda vinda de Cristo.

Todos os que aceitam a Jesus como o Messias ocupam o lugar de João e recebem uma nova missão: a missão agora é anunciar a próxima vinda do Messias, não como Cordeiro e Vítima, mas como Senhor e Rei.

Vocês conseguiram perceber a nossa vantagem sobre João? Nós sabemos tudo o que aconteceu no Calvário e como a profecia de João foi cumprida. Nós sabemos como a graça de Deus foi derramada sobre o coração dos homens. As cenas do Calvário trazem à nossa memória os benefícios da graça. O Calvário nos oferece a graça salvadora. Nós somos testemunhas, ainda que não oculares, de tudo o que aconteceu no Calvário.

João anunciou. João viveu antes. Nós vivemos depois. João não viu. Nós estamos celebrando a vitória de Cristo até hoje.

CONCLUSÃO

Resta saber se entregaremos nosso deserto a Jesus; se O convidaremos para ser o Oásis de nossa vida; se, com arrependimento sincero, pediremos o Seu perdão; se, com gratidão, confessaremos: “Eu aceito o Cordeiro de Deus como o meu Salvador e Senhor.”

“Raça de víboras” certamente não é uma abordagem muito amistosa, mas, que tal entender que nos tornamos raça de víboras por causa do pecado? Na verdade, todos nós, descendentes dos homens, tornamo-nos raça de víboras por causa do pecado, mas “o soro antiofídico”, o sangue de Cristo, foi oferecido na cruz. (João 3:16).

A mensagem da serpente de bronze que Moisés levantou no deserto é esta: o homem foi ferido por uma víbora lá no Jardim do Éden, mas, no Calvário, Cristo ofereceu “o soro antiofídico” para todos que o quiserem (Números 21:4-9; João 3:14, 15). João convidou o povo para o deserto a fim de apresentar-lhe “o soro antiofídico”.

APELO: Uma vez que fomos feridos pelo veneno do pecado, só nos resta uma opção: aceitar o “soro de Deus”.

A mensagem de João aponta para as marcas da graça salvadora. São **MARCAS DE ESPERANÇA** para todos nós. O Calvário não é um lugar de morte, é um lugar de vida! A mensagem de João aponta para o Calvário e seu apelo insistente é:

Você aceita o Cordeiro de Deus que tira o pecado de sua vida?

Qual é a sua resposta?

3

A Vocação de Natanael

Texto Bíblico: João 1:15-34

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar algumas dificuldades que ainda hoje impedem a maioria das pessoas de acharem o Salvador e de experimentarem os benefícios desse encontro.

INTRODUÇÃO:

Por que, quando Jesus esteve aqui na Terra, algumas pessoas manifestaram certa resistência para crer nEle? Havia todo um marketing profético, desenvolvido ao longo de muitos séculos, preparando a Sua chegada (Gênesis 49:10; Salmo 34:20; Isaías 7:14 e 9:6, 7; Miquéias 5:2).

No entanto, as Escrituras afirmam que Ele “veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (João 1:11). O nome de Natanael consta na primeira lista de pessoas que manifestaram algum tipo de resistência quando foram apresentadas a Jesus.

I – JESUS É APRESENTADO A NATANAEL

Quem era Natanael antes de Jesus ser apresentado a ele? Um homem debaixo de uma figueira (verso 48).

Na Palestina dos dias de Jesus, a videira e a figueira eram as árvores geralmente escolhidas como lugar ideal para a oração (Miquéias 4:4; Zacarias 3:10) – e também símbolos de patriotismo. Era geralmente à sombra das figueiras que o povo apresentava a Deus suas angústias e sofrimentos. Ali as pessoas tinham esperança de serem ouvidas e abençoadas. E você, onde apresenta a Deus suas angústias e sofrimentos?

Natanael tinha um amigo que já conhecia Jesus. Você tem algum amigo que já conhece Jesus? Filipe certamente conhecia o costume do amigo, por isso foi procurá-lo à sombra da figueira para anunciar “o seu achado”.

Pelo contexto bíblico, é possível imaginar que Filipe apresentou então Jesus a Natanael como o maior “achado” de sua vida. “Achamos Aquele de quem Moisés escreveu na Torá, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José” (verso 45). Torá é uma palavra da língua hebraica que tem o seu significado associado ao ensinamento, instrução, ou especialmente à Lei, uma referência aos primeiros cinco livros da Bíblia hebraica atribuídos a Moisés.

A resposta de Natanael não revelou nenhuma empolgação: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (verso 46). Ainda hoje há pessoas que não se empolgam ao ouvir falar de Jesus.

Será que a apresentação que Filipe fez de Jesus a Natanael deixou algo a desejar? Talvez, pois há pessoas que apresentam Jesus com pouca empolgação. Mas a resposta de Natanael, além da falta de empolgação, revela certo preconceito.

Preconceito (prefixo pré- e conceito) é um “juízo” preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude “discriminatória” perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou “estranhos”. De modo geral, preconceito é uma generalização superficial chamada “estereótipo”. Pela superficialidade ou pela estereotipia, o preconceito está classificado como um ato de injustiça.

Comportamentos preconceituosos são mais comuns em pessoas com baixa autoestima. Para essas pessoas o preconceito é usado como uma ferramenta de autoafirmação: as pessoas criam estereótipos e discriminam quem é diferente para melhorar a própria autoestima. Algo do tipo: “Não estou muito feliz com as minhas ações, então, vou pensar que aquela pessoa ali é pior do que eu.” E pronto: teoricamente, o indivíduo fica mais satisfeito na própria pele.

Além do preconceito, porém, há ainda uma ponta de sarcasmo na declaração de Natanael (*sarcasmo*, do grego antigo *sarkasmos* ou

sarkázein; *sarx* = carne, *asmo* = queimar: “queimar a carne”, um tipo de zombaria intimamente ligada à ironia.

(pt.wikipedia.org/wiki/Preconceito).

Como explicar o comportamento de Natanael? É difícil explicar o comportamento das pessoas. Nosso comportamento está relacionado a uma série de fatores, internos e externos. No caso de Natanael, esse preconceito pode estar ligado a um fator externo. Ele era natural de Caná da Galiléia, pequena aldeia que ficava entre 6 ou 14 quilômetros de Nazaré. Sem dúvida, ele conhecia a má reputação dessa aldeia (Cf. João 21:2 e E.G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 78).

Foi assim que Jesus encontrou Natanael, um homem aflito, teimoso, com baixa autoestima, curioso, preconceituoso, sarcástico e irônico. E quanto a você, como Jesus o encontraria hoje?

II – JESUS APRESENTA-SE A NATANAEL

Para levar Natanael a Jesus, Filipe usou um método objetivo: “Vinde e vede”. Realmente, muitas palavras não funcionariam com Natanael. Filipe reconheceu que se encontrar com Jesus frente a frente seria o método mais efetivo para convencer o amigo, em vez de utilizar um longo argumento.

O mesmo acontece em nossos dias. A única forma de promover a verdadeira fé em Cristo é levar as pessoas a experimentá-Lo, ir ao Seu encontro e vê-Lo. Jesus apresentou-Se a Natanael mostrando que já o conhecia: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” (verso 47).

O escritor e pregador H. S. Vigeveno faz o seguinte comentário sobre esse momento: “Se Filipe estivesse perto nessa hora, teria dito: “Por que será que Ele tem uma opinião tão elevada a seu respeito? Se Ele ao menos suspeitasse a opinião que você tem a respeito dEle!” (*Treze Homens que Mudaram o Mundo*, 1976, p. 16).

Jesus sabia da opinião que Natanael tinha a respeito dEle. Jesus sempre sabe qual é a nossa opinião a respeito dEle, mas, a opinião dEle a nosso respeito está escrita em Jeremias 29:11-13). Natanael pensou que era um homem sozinho debaixo da figueira. Jesus lhe disse: “...Eu te

vi, quando estavas debaixo da figueira” (verso 48). Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “Eu estava lá contigo, Eu ouvi as suas queixas, Eu conheço as suas lutas; deixe-Me ajudá-lo.”

“Se Natanael houvesse confiado na direção dos rabis, nunca haveria encontrado Jesus. Foi vendo e julgando por si mesmo que se tornou discípulo. Assim acontece com muitos hoje em dia, a quem o preconceito impede de aceitar o bem. Quão diverso seria o resultado, viessem eles e vissem!” (E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 140, 141).

“Enquanto confiar na guia da autoridade humana, ninguém chegará a um salvador conhecimento da verdade. Como Natanael, precisamos estudar por nós mesmos a Palavra de Deus e orar pela iluminação do Espírito Santo. Aquele que viu Natanael debaixo da figueira, ver-nos-á no lugar secreto de oração. Anjos do mundo da luz acham-se ao pé daqueles que, em humildade, buscam a guia divina” (Ibid., 141).

Natanael era sincero. A falta de sinceridade tem afastado muitas pessoas de Jesus. A sinceridade moveu os lábios de Natanael a proferir uma das mais lindas confissões de fé: “Mestre, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel” (verso 49). Depois dessa confissão de fé, Jesus profetizou sobre a sua vocação: “Pois maiores coisas do que estas verás” (verso 50). A maior surpresa da vida de Natanael foi descobrir que Jesus já o conhecia. Essa certeza moveu sua vocação até o fim de sua vida. Essa certeza fez com que a vocação de Natanael fosse apresentar aos outros o mesmo Jesus que a ele Se apresentou.

III – NATANAEL APRESENTA JESUS

Natanael é o precursor de todos os homens que têm sede de encontrar Jesus. Depois desse encontro, Natanael viveu para apresentar Jesus aos outros.

Você deve estar se perguntando: “Mas onde está o relato da vocação de Natanael na Bíblia?”

Natanael é um nome que aparece exclusivamente no evangelho de João, e assim mesmo em apenas duas ocasiões: no primeiro capítulo (João 1:45-51), onde se vê sua vocação, e, timidamente, no último

capítulo (João 21:2). Alguns afirmam que seu nome não aparece na lista dos discípulos de Jesus, mas isso não parece ser verdade, pois o que vemos em João 21:2 mostra exatamente o contrário. “É comum identificar a Natanael com Bartolomeu” (Marcos 3:18, citado no *Comentario Bíblico Adventista*, v. 5, p. 888, edição em espanhol).

Vigevano diz ainda o seguinte sobre esse assunto: “Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, o nome dele não é Natanael, mas Bartolomeu” (H. S. Vigevano, 1976, *Treze Homens Que Mudaram o Mundo*, p. 14).

Sobre essa questão, o escritor britânico John D. Davis, em seu livro *O Apóstolo de Jesus*, p. 75, esclarece: “Nada havia de incomum no fato de um apóstolo possuir dois nomes. Simão era também chamado Pedro, Levi era conhecido na igreja como Mateus, e outro dentre os doze se regozijava em ser conhecido por três nomes: Lebeu, Tadeu e Judas! Não há, portanto, a priori, qualquer improbabilidade quanto à sugestão de que o sexto apóstolo, de igual modo, possuísse dois nomes, especialmente quando lembramos que Bartolomeu (Bartholmai), assim como Bar-Jonas, tratava-se apenas de um nome patronímico ou, ainda, de um sobrenome.”

Sobre o ministério de Natanael, Ellen White, diz o seguinte: “Com a vocação de João, André, e Simão, Filipe e Natanael, começou o fundamento da igreja cristã” (E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 141).

“A região da Ásia Menor, atual Turquia, é apontada de forma enfática pela tradição como um dos palcos de maior atuação do apóstolo Bartolomeu em suas lides missionárias” (Aramis C. de Barros, 2006, *Doze Homens, Uma Missão*, p. 90).

Eusébio de Cesareia, autor cristão do quarto século, afirma que Bartolomeu Natanael trabalhou em Hierápolis, Licaônia, Cilícia, Derbe, Icônio, Listra e na Índia. (Ibid. p. 93, 94).

Segundo muitos historiadores, a maior parte do ministério de Bartolomeu foi na Armênia, onde foi martirizado e seus restos mortais foram transportados para a Mesopotâmia. (Ibid., p. 106).

H. S. Vigevano diz o seguinte sobre a conclusão do seu ministério: “Presume-se que ele foi morto a chicotadas. Seu corpo foi colocado

dentro de um saco, o qual foi atado e depois lançado ao mar. Entretanto, a maneira como ele morreu não importa, pois, de acordo com as palavras de Cristo, Natanael Bartolomeu veria ‘grandes coisas’; e ele as viu” (*Treze Homens que Mudaram o Mundo*, 1976, p. 14).

CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, queremos destacar o conteúdo dos dois últimos versos (50 e 51). Verso 50: “Pois maiores coisas do que estas verás.” Que maiores coisas seriam essas? O *Comentario Bíblico Adventista* define: “Jesus aqui Se refere às muitas provas convincentes de Sua divindade que Natanael haveria de receber durante sua relação com Cristo” (volume 5, p. 889, edição em espanhol).

Verso 51: “E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.” Com esta figura de linguagem, Jesus descreve o Seu próprio ministério em favor da humanidade” (Idem).

Os comentaristas, de modo geral, admitem que nessa frase Jesus esteja fazendo referência ou alusão à escada de Jacó (Gênesis 28:12). Ao fazer um contraste entre Jacó e Natanael, Jesus estaria dizendo: “O que Jacó viu apenas em sonho, você contemplará como uma realidade viva” (*Novo Testamento Interpretado*, v. 2, p. 292). Após a crucifixão, Natanael entendeu que Jesus era a escada para o Céu.

Jesus marcou a vida de Natanael com MARCAS DE ESPERANÇA, pois livrou-o de seus preconceitos e Se apresentou a ele como a escada que lhe dava acesso direto ao Céu. Por ocasião da volta de Jesus, Natanael verá a última parte desta profecia: “Pois maiores coisas do que estas verás.”

Entretanto, Natanael não é o único que recebeu a promessa de que “maiores coisas do que estas verás”. Todo aquele que recebe em seu coração as MARCAS DE ESPERANÇA impressas pelo sacrifício de Cristo verá maiores coisas em sua vida. Verá as grandezas que Jesus tem preparado para aqueles que Lhe são fiéis.

APELO: Você também está disposto a pedir que Jesus marque toda a sua vida com as **MARCAS DE ESPERANÇA?**

4

A Visão de Bartimeu

Texto Bíblico: Marcos 10:46-52

OBJETIVO DO SERMÃO: Ressaltar a importância da visão espiritual.

INTRODUÇÃO:

O texto bíblico que vamos estudar hoje apresenta o pedido de um homem cujo maior desejo em sua vida era voltar a enxergar (verso 51). Esse relato encontra-se registrado nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

Escolhemos o evangelho de Marcos porque apresenta esse episódio numa sequência muito interessante. Parece que nesse evangelho Jesus deseja ressaltar que há outros tipos de cegueira.

- Nos versos 2-12, Ele denuncia a cegueira dos fariseus em relação à questão do divórcio.
- Nos versos 13-16, reprovava a cegueira dos discípulos quanto ao valor das crianças.
- Nos versos 17-22, corrige a cegueira do jovem rico.
- Nos versos 23-31, desaprova os cegos que confiam nas riquezas.
- Nos versos 32-34, tenta remover a cegueira dos discípulos quanto à Sua morte e ressurreição.
- Nos versos 35-45, reprovava a cegueira de Tiago e João quanto ao sentido de Sua missão.

Marcos também nos ajuda a enxergar que essas são as últimas horas de

Cristo na Terra, mas é nos versos 46-52 que ele narra o milagre do cego de Jericó, o último milagre antes da cruz. Será que Marcos reuniu todos esses episódios para demonstrar que há certa relação entre a cegueira espiritual e a cegueira física?

I – UM CEGO HUMILDE

Os judeus daquela época pensavam que uma deficiência física desse tipo era resultado do pecado cometido pelo próprio indivíduo ou por seus pais (João 9:2).

Não é difícil imaginar que Bartimeu também fosse visto como portador de uma maldição divina. Talvez tenha sido por isso que os discípulos o ignoraram e mandaram que ele se calasse (verso 48). Aqui os discípulos também manifestaram certo tipo de cegueira. Bartimeu era cego e mendigo, e dependia da benevolência alheia. Estava sempre à beira de algum caminho, com as mãos estendidas para receber uma esmola. Sua alegria ou sua tristeza dependiam dos outros. Ficava alegre quando ganhava um pão, ficava triste quando não ganhava uma moeda. Sua felicidade dependia dos outros.

Não devemos colocar nossa felicidade nas mãos de outras pessoas. Não existe um caminho para a felicidade, a felicidade é o Caminho. Assim, o caminho da felicidade é Jesus Cristo. O pecado trouxe humilhação à vida das pessoas, e em relação aos cegos até parece que eles nunca têm nome. Já observaram isso?

Pelo relato de Marcos, parece que esse cego também não tem nome. Bartimeu não é o seu nome. Bartimeu é um título proveniente do Aramaico: “Bar”, que significa filho, e “Tim’ai” que era o nome do seu pai. Segundo Marcos, Bartimeu significa: “filho de Timeu” (John D. Davis). Bartimeu, porém, tinha algumas virtudes, e uma delas era a humildade.

Jesus deu um título para os humildes de coração, o título de “*Bem-aventurados...*”, pois deles é o Reino dos Céus” (Mateus 5:3). Ele vivia nessa situação humilhante, mas não estava satisfeito com a sua condição.

II – UM CEGO CORAJOSO

Bartimeu soube aproveitar a única chance que surgiu em sua vida. Ele enxergou primeiro com o coração. Num ato de coragem, gritou mais alto ainda quando a ordem dada era para se calar. Só os corajosos conseguem clamar pelo nome de Jesus sob os protestos do mundo.

Ele ouviu falar de Jesus e não ficou estático, queria mudar sua própria história. Quando ouviu falar que era Jesus que estava Se aproximando, começou a gritar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” (verso 47).

Era cego, mas não era surdo. Percebeu o “barulho” da multidão e sentiu que algo especial estava acontecendo. Alguém importante ia passar. Sentiu no coração um ardor diferente e viu ali uma chance nova para a sua vida. Um forte ímpeto de coragem invadiu o seu coração, e Ele percebeu que, enfim, alguém poderia ajudá-lo.

O evangelista Lucas, ao narrar esse episódio, informa que Bartimeu, quando ouviu o barulho da multidão, perguntou o que estava acontecendo. “Informaram-no de que era Jesus, o Nazareno, que por ali passava” (citado também em Lucas 18:35-43). Lançando mão de toda vontade da alma, ele decidiu se agarrar com todas as forças àquela oportunidade. Bartimeu não sabia, mas aquela era a última chance de sua vida.

A sua imagem de um cego mendigo à beira do caminho não havia sido suficiente para fazer aquele Homem importante parar. Talvez existisse então outro modo de contar com a Sua atenção. Revestiu-se de coragem e começou a gritar. Diz o texto que alguns se incomodaram com o seus gritos e mandaram que se calasse (verso 48). Mas ele não deu ouvidos. Tem gente melindrosa que por qualquer motivo se escandaliza e desiste de seguir a Jesus.

Mas Bartimeu não cedeu, não desistiu, não desanimou e foi recompensado por sua perseverança. Ele não podia ver Jesus, todavia, ele creu! Fez melhor do que Tomé, tornando-se assim um tipo dos crentes de hoje. “Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29).

Diante da proibição, ele esboçou uma coragem extra: “... mas ele

cada vez gritava mais” (verso 48). Onde ele encontrou essa força extra? A maioria das pessoas teria se calado. A força do seu grito continha toda uma vida sem sentido, sem direção, sem luz. Era um grito de angústia e de esperança por uma nova chance, um grito de quem está cansado de viver nas trevas.

III – UM CEGO COM FÉ

Quando Bartimeu chamou Jesus de “Mestre”, usou o termo *Rabboni*, que significa “meu mestre”. As únicas pessoas nos Evangelhos que também chamaram Jesus de *Rabboni* foram Maria e Natanael (João 1:49 e 20:16). Esse termo exigia uma dose de fé extra.

O mendigo chamou Jesus duas vezes pelo nome de “Filho de Davi”, um título com conotação messiânica. O fato de ele usar um título estritamente messiânico (verso 47) demonstra em certo grau que ele reconhecia Jesus como o Messias prometido. Entretanto, o fato de usar a expressão *Rabboni* demonstra que ele possuía uma grande quantidade de fé.

O texto nos diz que Jesus parou para dar atenção ao clamor do cego, sinal do valor que Ele deu àquele homem humilhado, que não valia nada para o povo de Jericó e nem mesmo para os Seus discípulos. É interessante notar que Jesus não atendeu diretamente ao chamado, mas deu aos discípulos a oportunidade de se redimirem, ao enviá-los até Bartimeu com uma mensagem de fé: “Ele te chama! Levanta-te, tem bom ânimo.” (verso 49). Nós te repreendemos, mas Ele não! Ele percebeu a tua necessidade, Ele quer te ajudar! Levanta-te! Sai da margem e entra no Caminho. Anda! Movimenta-te! Faze a tua parte! Coragem! Seja bravo! Seja ousado! Não tenha medo de lutar pelo Céu.

Diante do chamado, Bartimeu deixa a sua capa, símbolo do pecado que encobria a sua história, que encobria a mentira sobre si mesmo, as desculpas pelos erros, a pena de si mesmo, seu orgulho e sua soberba. Ele deixa a “sua máscara”, seu “falso porto seguro” que, na verdade, em vez de protegê-lo naquela hora, iria impedi-lo de caminhar, de seguir verdadeiramente na direção certa.

Jesus conhece o nosso coração, sabe bem quem somos. É preciso

estar de coração aberto diante dEle. A nossa cura, a nossa libertação, dependem disso. Podemos até nos disfarçar diante dos outros, mas diante de Deus é preciso ser verdadeiros, reconhecer nossos erros e limites, ser humildes de espírito (Mateus 5: 30).

Ele não possuía qualquer outro bem, não tinha nada além da capa que lhe fora muito útil, servia-lhe de cobertor. No entanto, em vista do chamado de Jesus, ela perdeu o seu valor de estimação. Bartimeu não fazia mais caso dela. Encontrou algo superior e estava disposto a abrir mão do passado.

Podemos observar aqui certo contraste com a atitude do jovem rico que, apegando-se às suas riquezas, virou as costas para Jesus, abrindo mão do Reino. Bartimeu, no entanto, estava disposto a trocar tudo por Jesus. O texto bíblico diz: “...levantou-se de um salto e foi ter com Jesus” (verso 50). Não basta levantar-se, o esforço deve ser maior, dar um salto. Esse é o salto da fé. Esse salto representa seu entusiasmo diante da oportunidade. Significa seu desejo por um novo presente. Significa crer em algo melhor. Deus oferece algo melhor para quem está disposto a saltar, a sair da zona de conforto. Esse salto representa uma decisão radical. Todo processo de conversão exige decisões radicais.

Finalmente, Bartimeu chegou até Jesus. Então, “perguntou-lhe Jesus: Que queres que Eu te faça?” (verso 51). Essa Pergunta promete o inimaginável. Essa pergunta promete um novo futuro. Pergunta semelhante foi feita a Salomão: “Pede-Me o que queres que Eu te dê” (I Reis 3:5). Salomão pediu sabedoria e recebeu o que pediu.

O parálítico do tanque de Betesda não soube responder a essa pergunta. Quando Jesus perguntou-lhe: “Queres ser curado?” (João 5:6), ele só pensou em suas impossibilidades. Mesmo assim foi curado porque Jesus lhe deu o benefício da graça. O cego respondeu: “Rabi! Que eu possa ver novamente!” Jesus lhe disse: “Vai, a tua fé te salvou! No mesmo instante ele recuperou a vista...” (50-52). Podemos concluir pelo texto que Bartimeu não era cego de nascença. Jesus, porém, não se demorou no motivo da perda. Devolveu-lhe aquilo que ele havia perdido.

Jesus tem poder para nos devolver o que perdemos, mas precisamos exercitar nossa fé. Há um futuro glorioso reservado para quem tem fé.

Você já parou para pensar que Jesus pode estar fazendo essa mesma pergunta a nós hoje: “O que é que você quer que Eu faça por sua vida e por você?”

Dependendo de nossa resposta, Ele poderá abrir nossos olhos para que enxerguemos as maravilhas da Sua graça.

Recebida a bênção da cura, Bartimeu não foi embora para viver novamente a vida à sua maneira. O texto bíblico nos diz que ele passou a seguir Jesus caminho afora. Não viveria mais à beira do caminho, mas no Caminho. Não viveria mais como alguém excluído, mas como alguém incluído na Verdade e na Vida. A partir daquele momento, Jesus ocuparia o centro de sua existência. Ele não foi apenas iluminado, passou a seguir a Luz do mundo e tornou-se, pela graça, um portador de luz. Com perseverança contínua, seguiria seu Benfeitor por toda a vida. Viveria agora com o encanto de ter em sua vida as **MARCAS DE ESPERANÇA** deixadas pelo Mestre. De agora em diante, sua vida não seria mais a mesma.

CONCLUSÃO

Começamos este nosso estudo com uma cena potencialmente desanimadora, apresentando um homem cego e mendigo sentado à beira do caminho. Começamos com um mendigo e terminamos com um seguidor de Cristo. Começamos falando de uma multidão seguindo Jesus e terminamos com um homem restaurado seguindo Jesus.

Tudo isso aconteceu porque esse mesmo homem caminhou na direção de Cristo com humildade, coragem, fé e perseverança. Toda a história desse cego mendigo e morador de rua é narrada no evangelho de Marcos em apenas sete versículos. Seis versos são usados para montar um cenário e no sétimo encontramos as palavras de cura, o milagre e o discipulado.

Tudo aconteceu a caminho de Jerusalém. Nós também estamos a caminho de Jerusalém. No momento, estamos ainda em Jericó. Estamos passando por Jericó. Jericó era a cidade baixa e Jerusalém era a cidade alta (Lucas 10:30). Nossa meta não é ficar em Jericó, mas subir para Jerusalém. Nossa meta não é a Terra, é o Céu.

APELO: Esse episódio nos ajuda a entender que na vida daqueles que confiam em Jesus não há cotidiano sem milagres.

A história de Bartimeu representa a história de todos quantos pisaram nessa Terra e viveram por algum tempo cegos até se encontrarem com Cristo, “a Luz do mundo”.

Se você ainda está assentado à beira do caminho, apegando-se a alguns bens da Terra, eu o convido a dar um salto de fé na direção do Salvador. Eu o convido a ser marcado por Seu poder transformador e experimentar o que é andar no “Caminho”.

Humildade, coragem e fé são os passos decisivos para quem quer receber a cura de Jesus e as MARCAS DE ESPERANÇA.

Você está disposto a dar esses passos hoje?

5

As Oportunidades de Judas

Texto Bíblico: João 13:21-30

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar que ainda hoje corremos o risco de desprezar as oportunidades que Jesus nos oferece.

INTRODUÇÃO:

Hoje vamos começar com duas perguntas:

1. O que é oportunidade? (tente definir oportunidade com as pessoas que estão ao seu lado).

- William A. Ward, um pastor americano, definiu assim: “A oportunidade é como o nascer do Sol; se você esperar demais, vai perdê-la”.
- François Rabelais, escritor francês, disse o seguinte: “Conheço muitos que não quiseram quando deviam e quiseram quando não podiam.”

2. Vejamos agora a segunda pergunta: Você conhece alguém registrado com o nome de Judas?

- H. S. Vigeveno, em seu livro, *Treze homens que mudaram o mundo*, à página 35, faz o seguinte comentário: “A verdade, porém, é que poderíamos topar com Judas em qualquer lugar, ou fazer negócios com ele diariamente. Ele pode até estar ao nosso lado na igreja. Ele era um dos apóstolos.”
- O Rev. G. Campbell Morgan, grande comentarista das Escrituras, nascido na Inglaterra e já falecido, fez a seguinte afirmação sobre Judas: “Não creio que Judas fosse um homem comum. Ele era um demônio

encarnado em um homem, que veio ao mundo para praticar o ato mais nefando possível, um ato infernal” (Idem).

Eu discordo dessa afirmação. Essa descrição de Judas não aparece nas Escrituras. Com isso eu não quero que vocês pensem que estou defendendo Judas, embora tenha havido muitas tentativas nesse sentido. Uma das primeiras foi feita por De Quincy, há cerca de cem anos, e uma das últimas, pelo escritor grego Kazantzakis. Ele afirma que “Judas foi um discípulo leal, que se sentiu chamado a entregar Jesus às autoridades para que Ele pudesse Se manifestar como o Messias” (Idem).

A verdade é que Judas não é nem santo, nem demônio; não é vilão nem herói. Simplesmente, ele é um homem que desperdiçou as melhores oportunidades da vida.

I – A PRIMEIRA OPORTUNIDADE DE JUDAS

Sem dúvida alguma, a primeira oportunidade de Judas ocorreu no momento em que Jesus escolheu Seus doze discípulos.

A escritora Ellen G. White faz o seguinte comentário sobre esse momento: “Enquanto Jesus estava preparando os discípulos para sua ordenação, um que não fora chamado se esforçou para ser contado entre eles. Foi Judas Iscariotes, que professava ser seguidor de Cristo. Adiantou-se então, solicitando um lugar nesse círculo mais íntimo de discípulos. Com grande veemência e aparente sinceridade, declarou: ‘Senhor, seguir-Te-ei para onde quer que fores.’ Jesus nem o repeliu, nem o acolheu, mas proferiu apenas as palavras: ‘As raposas têm covis, e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça’ (Mateus 8:19, 20). Judas acreditava que Jesus fosse o Messias; e, ao unir-se aos discípulos, esperava assegurar para si alta posição no novo reino. Essa esperança quis Jesus tirar com a declaração de Sua pobreza.” (*O Desejado de Todas as Nações*, 1990, p. 293).

A autora supracitada continua descrevendo esse momento com singularidade: “Os discípulos estavam ansiosos para que Judas fosse contado entre eles. Tinha imponente aparência, era dotado de perspicácia e habilidade executiva, e eles o recomendaram a Jesus como pessoa que

Lhe seria de grande utilidade na obra. Surpreenderam-se de que o recebesse tão friamente.

“Os discípulos tinham ficado muito decepcionados de que Jesus não houvesse buscado obter cooperação dos guias de Israel. Achavam que era erro não consolidar Sua causa com o apoio desses homens de influência. Houvesse Ele repellido a Judas, e teriam em seu íntimo, posto em dúvida a sabedoria do mestre. A história posterior de Judas revelar-lhes-ia o perigo de permitir qualquer consideração mundana influir no julgar a capacidade de homens para a obra de Deus. A cooperação de homens como os que os discípulos estavam ansiosos por conseguir teria entregado a obra nas mãos dos piores inimigos.

“Todavia, quando Judas se uniu aos discípulos, não era insensível à beleza do caráter de Cristo. Sentia a influência daquele poder divino que atraía almas ao Salvador. Aquele que não viera quebrar a cana trilhada nem apagar o fumegante pavio, não repeliria essa alma enquanto nela houvesse um único desejo que a atraísse para a luz. O Salvador lia o coração de Judas; sabia as profundezas da iniquidade a que, se o não livrasse a graça de Deus, havia ele de imergir. Ligando a Si esse homem, colocou-o numa posição em que poderia ser dia a dia posto em contato com as torrentes de Seu próprio abnegado amor. Abrisse ele o coração a Cristo, e a graça divina baniria o demônio do egoísmo, e mesmo Judas se poderia tornar um súdito do Reino de Deus.

“Deus toma os homens tais como são, com os elementos humanos do seu caráter, e os prepara para Seu serviço, caso queiram ser disciplinados e dEle aprender. Não são escolhidos por serem perfeitos, mas apesar de suas imperfeições, para que, pelo conhecimento e observância da verdade, mediante a graça de Cristo, se possam transformar à Sua imagem” (Idem).

“Judas teve as mesmas oportunidades que os outros discípulos. Escutou as mesmas preciosas lições. Mas a observância da verdade, exigida por Cristo, estava em desarmonia com os desejos e desígnios de Judas, e este não queria ceder suas ideias a fim de receber sabedoria do Céu” (Ibid., 294, 295).

Embora Cristo não o tenha escolhido voluntariamente, aceitou-o

para fazer parte do Seu grupo, e assim deu-lhe a primeira oportunidade de mudar de caráter.

II – A SEGUNDA OPORTUNIDADE DE JUDAS

A segunda oportunidade de Judas, logo após ser aceito no grupo dos discípulos, durou bastante tempo, aproximadamente o tempo que durou o ministério de Cristo aqui na Terra. Durante cerca de três anos e meio, Judas conviveu com Cristo todos os dias. É fácil perceber nos evangelhos o que a escritora Ellen G. White comenta sobre esse tempo de oportunidade oferecido a Judas.

“Quão ternamente tratou o Salvador aquele que havia de ser Seu traidor! Em Seus ensinamentos, demorava-Se sobre os princípios de generosidade que feriam pela raiz a cobiça. Apresentava diante de Judas o odioso caráter da ganância, e muitas vezes compreendeu o discípulo que seu caráter fora descrito, apontado seu pecado; mas não queria confessar e abandonar sua injustiça. Era cheio de presunção e, em lugar de resistir à tentação, continuava em suas práticas fraudulentas. Cristo estava diante dele, exemplo vivo do que se devia tornar, caso colhesse o benefício da mediação e ministérios divinos; mas lição após lição caiu desatendida aos ouvidos de Judas.

“Jesus não lhe passou, por sua cobiça, nenhuma repreensão de molde a ferir, mas com divina paciência lidou com esse homem faltoso, mesmo quando lhe demonstrava que lia em seu coração como num livro aberto. Apresentou-lhe os mais altos incentivos para proceder retamente; e, rejeitando a luz do Céu, Judas não teria desculpa.

“Ao invés de andar na luz, Judas preferiu conservar seus defeitos. Maus desejos, vingativas paixões, sombrios e malévolos pensamentos eram nutridos, até que Satanás tomou inteiro domínio sobre o homem. Judas tornou-se um representante do inimigo de Cristo” (Ibid., 295).

Dessa maneira, ele rejeitou sua segunda oportunidade, o tempo que lhe fora concedido ao lado do Mestre.

III – AS ÚLTIMAS OPORTUNIDADES DE JUDAS

As últimas oportunidades oferecidas a Judas apresentam-se na seguinte ordem:

1. Judas julga e condena Maria, a irmã de Lázaro, por seu gesto de devoção a Jesus (João 12:4-6).
2. Judas participa da Santa Ceia e Jesus lava os seus pés (João 13:5).
3. Jesus lê o seu coração e o denuncia de forma velada (João 13:18).
4. Jesus oferece a Judas o símbolo do seu próprio corpo como um convite para a salvação (João 13:26).
5. E no Jardim do Getsêmani, quando ele dá o beijo da traição, Jesus lhe faz o penúltimo apelo: “Amigo, para que vieste?” (Mateus 26:52).
6. A escritora Ellen G. White fala de outra oportunidade na sala do julgamento: “Convencido finalmente de que eram baldadas as suas súplicas, Judas lançou-se aos pés de Jesus, e reconhecendo-O como o Filho de Deus, ao mesmo tempo em que impetrava o perdão do seu pecado, instou com ele para que Se prevalecesse de Seu poder divino, desembaraçando-Se dos Seus inimigos. O Salvador não censurou Seu traidor. Sabia que Judas não se arrependera; a confissão era extorquida de sua alma culpada por um terrível sentimento de condenação e expectativa de juízo, mas não sentia profunda e sincera tristeza por haver traído o imaculado Filho de Deus e negado o Santo de Israel. Contudo, Jesus não lhe dirigiu palavra de condenação. Fitando-o compassivamente, disse: ‘Por causa desta hora Eu vim ao mundo’” (*Vida de Jesus*, 1987, p. 152).

Depois dessas seis últimas oportunidades desperdiçadas por Judas, a autora já citada conclui: “Judas saiu precipitadamente da sala gritando: ‘É tarde, é tarde!’ Sentia que não lhe era possível testemunhar a crucificação de Jesus, e atormentado de remorso, foi e enforcou-se” (Idem).

CONCLUSÃO

Jesus tinha muito a dizer a Judas, todos os dias. Judas escutou, mas não ouviu. As advertências, os apelos e a Palavra de Deus o alcançaram, mas nunca realmente tocaram seu coração. Ele se tornou um traidor, apesar dos apelos de Jesus. Judas morreu infeliz porque nunca deixou Jesus imprimir em seu coração as MARCAS DE ESPERANÇA.

E nós – você e eu? Temos ouvido Jesus? Sabemos o que devemos fazer? Estamos deixando que Ele nos transforme? Ou pensamos que estamos muito bem e continuamos a chamá-Lo “Senhor, Senhor”, mas não fazemos o que Ele diz? Esse foi um dos problemas de Judas.

Vamos aproveitar esta semana para examinar o nosso coração? Há em nossa vida as MARCAS DE ESPERANÇA partilhadas por Jesus, ou em nosso coração há somente marcas de egoísmo e amor próprio que nos afastam de Cristo? O pior homem é aquele que, tendo as melhores oportunidades, não sabe aproveitá-las.

APELO: Quando Jesus diz: “Um dentre vós Me trairá”, vamos fazer como os discípulos e perguntar: “Acaso sou eu, Mestre?” Reflita, mas não deixe o Sol se pôr sobre a oportunidade que Deus está lhe dando agora! Permita que Ele coloque em você as MARCAS DE ESPERANÇA!

O Encontro com Simão Cireneu

Texto Bíblico: Marcos 15: 21

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar que, de alguma forma, em algum tempo ou lugar, todos nós seremos confrontados com a mensagem da cruz e teremos que nos decidir a favor ou contra.

INTRODUÇÃO:

“O procedimento padrão na crucificação romana incluía açoites violentos na vítima antes que fosse levada ao local da execução. Os postes verticais permaneciam fixos no local porque seu uso era frequente, porém era costume a vítima ser obrigada a carregar a pesada viga transversal (*patibulum*) que depois seria amarrada ao poste para dar a forma de cruz ou de um “T” a que o condenado era pregado. No caso de Jesus, o açoitamento deve ter provocado grande perda de sangue, deixando-O muito fraco. Ele estava fisicamente incapaz de carregar a viga tão longe. Os soldados, então, pegaram um transeunte e o obrigaram a tomar a cruz de Jesus e a carregá-la até o local da execução, do lado de fora da cidade” (Richard Bauckham e Trevor Hart, *Ao Pé da Cruz*, p. 71).

I – ANTES DO ENCONTRO

“A palestina era um território ocupado. Soldados romanos obrigando judeus comuns, inocentes, a fazer o que eles queriam, era parte da desagradável realidade diária num governo estrangeiro opressor. No Império Romano, as crucificações eram frequentes e em nenhum outro lugar eram mais frequentes do que na Palestina judia. A resistência judaica às

imposições do governo era exatamente o tipo de crime para o qual aquela punição bárbara havia sido planejada” (Idem).

Vocês se recordam de que, certa vez, os líderes judeus tentaram envolver Jesus numa situação que poderia caracterizar resistência às imposições do governo romano? (Mateus 22:17-22).

Tivesse Jesus dito alguma coisa contra o pagamento dos impostos, e os líderes judeus apresentariam essa acusação contra Ele nos tribunais romanos para que fosse executado como um rebelde político. “Havia apenas 30 anos, cerca de dois mil judeus tinham sido crucificados ao mesmo tempo, fora de Jerusalém, e a partir de então muitos mais receberam o mesmo castigo. Pela crucificação frequente de criminosos, escravos, dissidentes e rebeldes, a brutal realidade do poder romano era deliberadamente empurrada garganta abaixo aos seus súditos” (Ibid., p. 75).

Um dado curioso sobre a crucificação é que, embora fosse um fato comum naqueles dias, a literatura contemporânea geralmente se refere a esse ato cruel apenas de passagem. Por que tantos autores antigos, que tiveram a oportunidade de fazer menção ao fato, evitam mencioná-lo?

Há dois motivos para isso que nos podem ajudar a inserir a crucificação de Jesus no contexto.

O primeiro: “Para a maioria dos intelectuais e pessoas cultas que escreveram a literatura da antiguidade, a crucificação era um procedimento hediondo demais para ser tratado mais detidamente. Tratava-se de uma forma de execução planejada para ser a mais dolorosa possível: uma forma excruciante e lenta de morte por exposição e asfixia, e os detalhes finais da execução eram improvisados com sadismo pelos executores” (Idem).

“A crucificação era uma tortura vil. Todos reconheciam isso pela simples observação. Por isso as pessoas cultas não queriam escrever sobre ela. Era aceita como um fator inibidor, indispensável para manutenção do poderio romano. Dar-lhe muita atenção poderia desfigurar a imagem generosa que o governo romano desejava passar” (Ibid., p. 76).

O segundo motivo “pelo qual a literatura clássica raramente se detém para comentá-la é que os crucificados não tinham expressão na sociedade. Pessoas importantes, cidadãos romanos, a elite social, não podiam ser crucificados. A crucificação era uma pena especial para crimes contra o estado, rebelião de escravos e para criminosos” (Idem).

Dá para entender agora por que Paulo diz: “Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro”? (Gálatas 3:13). O bendito Filho de Deus se fez maldito para que os malditos filhos do pecado se tornassem benditos. O pecado nos fez malditos, mas a graça de Deus, por meio de Jesus Cristo, nos torna benditos.

Um resumo de tudo quanto foi apresentado é o seguinte: Roma usava a crucificação para manter a paz, a segurança e a ordem. Você consegue lembrar agora do que disse o profeta Isaías sobre o modo como Jesus nos devolveu a paz? (Isaías 53:5).

Você consegue perceber agora por que a mensagem do evangelho de Jesus, o Deus crucificado, mostrou-se tão ofensiva para o mundo romano e para várias civilizações? Era um Deus que foi executado como um rebelde político ou um fora da lei? Um Deus que foi uma daquelas vítimas irrelevantes que deveriam ser esquecidas?

Para a sociedade romana, as vítimas da crucificação deveriam ser completamente esquecidas. O fato, porém, é que Jesus continua sendo lembrado. A história de Sua crucificação continua sendo contada até hoje. “Durante dois séculos, a sociedade romana tentou suprimir a lembrança desse Homem crucificado, como fez com todos os outros, mas, nesse caso, não conseguiu” (Ibid., p. 78).

Enquanto estive na Terra, Jesus recrutou várias testemunhas, e quando Ele morreu, essas testemunhas não deixaram as MARCAS DE ESPERANÇA reveladas na cruz serem esquecidas.

O tema de hoje se propõe a apresentar exatamente uma dessas testemunhas.

II – O ENCONTRO

O encontro com Jesus ainda hoje continua mudando a vida das

peessoas. Não importam as circunstâncias, o lugar ou as condições. Todos nós precisamos nos encontrar com Cristo um dia. Do contrário, a vida não valerá a pena.

A Bíblia não nos oferece muitas informações sobre o encontro de Simão Cireneu com Jesus. Sabemos, no entanto, que ele se encontrou com Jesus no exato momento em que Jesus mais precisava dele. Ou será que foi o contrário?

O relato nos ajuda a entender que Simão já tinha dois filhos cristãos (Marcos 15:21). Ele, no entanto, parece que não era cristão. É fácil perceber que Simão Cireneu foi arrastado para o caminho da cruz contra a sua vontade. Ele nem sequer estava no meio da multidão que ia assistir à crucificação naquele dia; seguia em outra direção. Ele estivera no campo, talvez trabalhando durante o dia, e voltava para casa em Jerusalém. Talvez nem soubesse o que estava acontecendo.

Sabemos pouco com respeito ao próprio Simão. Tudo que sabemos sobre ele aparece em um único versículo. O termo “Cireneu” indica provavelmente a sua origem. Ele era originário de Cirene, uma cidade localizada no litoral norte da África, na atual Líbia. Como viera da África, alguns gostam de imaginar que ele era negro.

Seu encontro com Cristo nos parece acidental. O texto bíblico diz que ele foi obrigado a carregar a cruz de Cristo. Provavelmente tenha chegado tão perto para ver o que estava acontecendo que ficou exposto aos soldados romanos. A impossibilidade de Cristo carregar a cruz estava atrasando a marcha para o Calvário. Jesus, muito enfraquecido, já havia desmaiado duas vezes. Os soldados perceberam que Ele iria morrer por exaustão, a caminho do lugar de sacrifício, se O continuassem forçando. Como a um soldado romano não era permitido ajudar um condenado à cruz, e não havia nenhum discípulo ali para ajudá-lo, além do que, os líderes judeus pouco estavam se importando com o sofrimento de Jesus, só restava uma opção: obrigar alguém a fazer o que Jesus não podia fazer.

Mas por que Simão Cireneu? Foi coincidência ou providência?

A escritora Ellen G. White faz o seguinte comentário sobre esse episódio: “Por essa ocasião um estranho, Simão, Cireneu, chegando do

campo, encontra-se com o cortejo. Ouve as chufas e os baixos ditos da turba; ouve as palavras desdenhosamente repetidas: ‘Abri caminho para o Rei dos judeus!’ Detém-se espantado com a cena; e, ao exprimir ele compaixão, agarram-no e lhe põem nos ombros a cruz” (*O Desejado de Todas as Nações*, 1990, p. 742).

Esse foi certamente o início da caminhada de Simão com Jesus. Ele foi marcado com o sangue do Cordeiro. Ele esteve diante desse cenário até o fim. OuvIU os protestos da natureza, viu os homens Lhe negarem água, viu o cuidado que Jesus manifestou por Sua mãe, viu Jesus perdoar um dos ladrões, viu Jesus perdoar os Seus algozes, e, por fim, viu Jesus exclamar: “Está consumado” e entregar ao Pai o Seu espírito.

Certamente, quem passou por tudo isso, nunca mais seria o mesmo.

III – O PÓS-ENCONTRO

Richard e Trevor, falam o seguinte sobre os benefícios desse encontro na vida de Simão Cireneu: “Assim, o envolvimento acidental de Simão com Jesus – obrigado a carregar a cruz contra sua vontade – de alguma forma faz dele um discípulo, embora não o tenha sido anteriormente” (Richard Bauckham e Trevor Hart, *Ao Pé da Cruz*, p. 74).

Ellen White faz o seguinte comentário: “Simão ouvira falar de Jesus. Seus filhos criam no Salvador, mas ele próprio não era discípulo. O conduzir a cruz ao Calvário foi-lhe uma bênção e, posteriormente mostrou-se sempre grato por essa providência. Isso o levou a tomar sobre si a cruz de Cristo por sua própria escolha, suportando-lhe sempre animosamente o peso” (*O Desejado de Todas as Nações*, 1990, p. 742).

Em outro dos seus livros, Ellen White comenta: “Mais tarde, Simão sentiu-se grato pelo privilégio que lhe coubera de levar a cruz do Salvador, a qual se havia tornado o meio de sua conversão. As cenas que se desenrolaram no Calvário e as palavras que Jesus ali proferiu induziram Simão a reconhecê-Lo como o Filho de Deus” (*Vida de Jesus*, 1987, p. 175).

Norman R. Champlin, em seu comentário, diz que Simão “provavelmente veio a tornar-se cristão, porquanto seus filhos, Alexandre e

Rufo, eram membros bem conhecidos da igreja” (*O Novo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo*, v. 1, p. 630).

Com certeza, Simão passou a enxergar em Jesus não apenas mais uma vítima de Roma ou mais um herói da resistência judaica, mas Aquele que trouxe o amor de Deus para os torturados e também para os torturadores. Simão entendeu que Jesus encaminhou-Se voluntariamente para a cruz, não porque fosse um suicida, mas porque esse foi o preço estipulado por Deus para salvar a raça humana. Simão entendeu que a morte de Jesus representa a solidariedade amorosa de Deus por toda raça humana e que o único caminho para o Céu passa pela cruz.

CONCLUSÃO

Sem saber, os soldados romanos empurraram Simão para Jesus. Num encontro que não tinha sido agendado e nem planejado, Simão recebeu a maior de todas as bênçãos. O que teria sido a vida de Simão sem esse encontro? Esse foi o encontro da mudança. Ao longo do Seu ministério, Jesus mudou a vida de muitas pessoas.

O evangelho de Cristo pode ser chamado de o Evangelho do Encontro. Um evangelho que gera as MARCAS DE ESPERANÇA – o evangelho da mudança.

APELO: Eu sei que você hoje não agendou um encontro com Jesus, mas Ele agendou esse encontro com você.

Você quer dizer agora: “Senhor Jesus, eu hoje Te encontrei e nunca mais vou me separar de Ti”?

A Sensibilidade do Centurião

Texto Bíblico: Marcos 15:33-39

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar que o Calvário é o momento em que a graça é oferecida a todo pecador.

INTRODUÇÃO:

Li uma fábula que contava o seguinte: Um jumentinho voltou para casa todo contente e disse à sua mãe:

– Fui à cidade hoje, mamãe, e quando lá cheguei, fui muito aplaudido, a multidão gritava alegre, as pessoas estendiam seus mantos pelo chão para eu passar... Todos, estavam contentes com a minha presença.

Então a mãe do jumentinho lhe perguntou:

– Você estava sozinho, meu filho? E o jumentinho disse:

– Não, estava levando um homem, Seu nome é Jesus.

– Filho, volte à cidade, mas agora vá sozinho, aconselhou a mãe.

Quando retornou à cidade, todos que passavam por ele, fizeram o inverso. Maltratavam, xingavam e até batiam nele. Ao voltar para casa, disse à sua mãe.

– Estou muito triste, mamãe, pois nada aconteceu comigo. Nem palmas, nem mantos, nem honra... Só apanhei, fui xingado e maltratado. Eles não me reconheceram, mamãe...

Indignado, o jumentinho lhe perguntou:

– Por que isso aconteceu comigo?

A mãe respondeu:

– Meu filho querido, você sem Jesus é apenas um jumentinho.

E isso é verdade, da mesma forma, sem Cristo não passamos de pecadores perdidos!

I – UMA NOVA VISÃO

Qual é a visão que você tem do Gólgota? (Mateus 27:33; Marcos 15:22). *Gólgota* é um “nome grego, derivado do aramaico *gulgata* e do hebraico *gulgoleth*, que significa *caveira* – nome do lugar, perto de Jerusalém e fora dos muros, onde Cristo foi crucificado. Alguns afirmam que esse era o monte onde se executavam os condenados à morte de cruz” (John D. Davis; *Dicionário da Bíblia*, p. 253).

Podemos dizer que o Gólgota era a arena dos romanos, a câmara de gás dos nazistas, o inferno da Terra e a sala de espetáculo do diabo, porém, foi justamente nesse lugar hediondo que se cumpriram as palavras do salmista Davi: “Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram” (Salmo 85:10).

O que aconteceu naquela sexta-feira à tarde? Naquela sexta-feira, esse monte foi adornado com tanta grandeza, que um soldado pagão, embrutecido em sua natureza, não pôde conter-se e confessou: “Verdadeiramente este Homem era o Filho de Deus” (Marcos 15:39).

Você não fica impressionado com o fato de que até um pagão, na hora da maior derrota aparente de Jesus, viu algo extremamente incomum nesse acontecimento, reconhecendo-O como um Ser divino?

Centurião era o título dado para um oficial do exército romano que comandava um grupo de cem soldados. Para galgar esse posto, era necessário ser um homem experimentado em muitas batalhas. Esse centurião, que a tradição dá o nome de Longinus ou Petronius, não era diferente dos demais. Os centuriões eram geralmente homens rudes, acostumados a matar e a ver a morte como algo comum. Esse centurião era o comandante do pelotão de execução de Pilatos. Sem dúvida, ele conduziu milhares de sentenciados à cruz, mas, naquela sexta-feira, ele viu algo incomum: Jesus fez a diferença na vida dele.

Alguns comentaristas acham que essa foi uma confissão sem importância. Russel Norman. Champlin, por exemplo, diz o seguinte: “Ele não poderia saber coisa alguma sobre o que significa o termo “Filho de Deus” com respeito a Jesus Cristo” (*O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 1, p. 639).

O próprio Champlin acrescenta: “O centurião simplesmente ficou extremamente comovido com o que viu, tendo compreendido que algum acontecimento prodigioso tivera lugar; e supondo que tivesse relação com o mundo dos deuses, o que provavelmente ele disse foi: ‘Em verdade, este era filho de um deus.’ E isso faria de Jesus apenas um herói, ou uma espécie de ‘semideus’, homem que tivesse pai que era deus e mãe humana, ou mãe deusa e pai humano, conforme os ditos da mitologia contemporânea” (Ibid., p. 797).

Se lermos o mesmo texto no livro de Lucas, seremos forçados a discordar de Champlin. “Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este Homem era justo” (Lucas 23:47).

Essa declaração revela muita sensibilidade. Se um soldado pagão e endurecido pôde falar assim a respeito de Jesus, então, não é difícil aceitar Seu caráter messiânico e Sua missão divina, tendo os evangelhos sido escritos nesse sentido. Mas o que o centurião viu que mudou a sua concepção em relação a Jesus? Ele levou para o Monte da Caveira Alguém que julgava culpado e que deveria ser crucificado. Agora, referindo-se a essa mesma Pessoa ele diz: “Esse Homem era justo” – ou seja, inocente.

II – UMA VISÃO DA GRAÇA

O que o centurião viu? Ele teve uma visão da graça!

A escritora Ellen G. White descreve com palavras colossais o que o centurião viu:

“A inanimada natureza exprimiu sua simpatia para com seu insultado e moribundo Autor. O Sol recusou contemplar a espantosa cena. Seus raios plenos, brilhantes, iluminavam a Terra ao meio-dia, quando

de súbito, pareceu apagar-se. Completa escuridão, qual um sudário, envolveu a cruz. ‘Houve trevas em toda a Terra até à hora nona.’ Não houve eclipse ou outra qualquer causa natural para essa escuridão, tão espessa como a da meia-noite sem luar nem estrelas. Foi miraculoso testemunho dado por Deus, para que se pudesse confirmar a fé das vindouras gerações” (*O Desejado de Todas as Nações*, 1990, p. 753).

“Parecia haver baixado sobre o Calvário um silêncio sepulcral. Inominável terror apoderou-se da multidão que circundava a cruz. As maldições e injúrias cessaram a meio das frases iniciadas. Homens, mulheres e crianças caíram prostrados por terra. De quando em quando irradiavam da nuvem vívidos clarões, mostrando a cruz e o crucificado Redentor. Sacerdotes, príncipes, escribas, executores bem como a turba, todos pensavam haver chegado o momento de sua retribuição. Depois de algum tempo, murmuravam alguns que Jesus desceria agora da cruz. Tentavam outros, às apalpadelas, achar o caminho de volta para a cidade, batendo no peito e lamentando de temor” (Ibid., p. 754).

“À hora nona, ergueu-se a treva de sobre o povo, mas continuou a envolver o Salvador. Era um símbolo da agonia e do horror que pesavam sobre o coração dEle. Olho algum podia penetrar a escuridão que rodeava a cruz, e ninguém podia sondar a sombra mais profunda ainda que envolvia a sofredora alma de Cristo. Os furiosos relâmpagos pareciam dirigidos contra Ele ali pendente na cruz. Então Jesus clamou com grande voz: ‘Eli, Eli, lama sabactâni?’, que, traduzido é: ‘Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?’” (Idem).

“De repente, ergueu-se de sobre a cruz a sombra, e em tons claros, como de trombeta, tons que pareciam ressoar por toda a criação, bradou Jesus: ‘Está consumado.’ ‘Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito.’ Uma luz envolveu a cruz, e o rosto do Salvador brilhou com uma glória semelhante à do Sol. Pendendo então a cabeça sobre o peito, expirou” (Ibid., 756).

“Jamais testemunhara a Terra uma cena assim. A multidão que-dava-se paralisada e, respiração suspensa, fitava o Salvador. Baixaram novamente as trevas sobre a Terra, e um surdo ruído, como de forte trovão, se fez ouvir. Seguiu-se violento terremoto. As pessoas foram

atiradas umas sobre as outras, amontoadamente. Estabeleceu-se a mais completa desordem e consternação. Partiram-se a meio os rochedos nas montanhas vizinhas, rolando fragorosamente para as planícies. Fenderam-se sepulcros, sendo os mortos atirados para fora das covas. Dir-se-ia estar a Criação desfazendo-se em átomos. Sacerdotes, príncipes, soldados, executores e o povo, mudos de terror, jaziam prostrados por terra” (Idem).

“Ao irromper dos lábios de Cristo o grande brado: ‘Está consumado’, oficiavam os sacerdotes no templo. Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fora levado para ser morto. Trajando o significativo e belo vestuário, estava o sacerdote com o cutelo erguido, vivamente interessado, o povo acompanhava a cena. Mas eis que a Terra treme e vacila; pois o próprio Senhor Se aproxima. Com ruído rompe-se de alto a baixo o véu interior do templo, rasgado por mão invisível, expondo aos olhares da multidão um lugar dantes pleno da presença divina. Ali habitara o *shekinah*. Ali manifestara Deus Sua glória sobre o propiciatório. Ninguém, senão o sumo sacerdote, jamais erguera o véu que separava esse compartimento do resto do templo. Nele penetrava uma vez por ano, para fazer expiação pelos pecados do povo. Mas eis que esse véu é rasgado a dois. O santíssimo do santuário terrestre não mais é um lugar sagrado” (Ibid., p. 756, 757).

“Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontra o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto o caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparado. Não mais necessita a pecadora humanidade esperar a chegada do sumo sacerdote. Daí em diante, devia o Salvador officiar como Sacerdote e Advogado nos Céus dos Céus” (Idem).

Dá para entender agora o que o centurião viu? Sua exclamação não me parece uma conclusão humana. Deus deu a esse centurião uma visão de Sua graça!

III – OS EFEITOS DA VISÃO

Em algum momento, Deus dá a todos os Seus filhos uma visão de Sua graça.

- Nem todos os homens conseguem entender que graça é o perdão de Deus creditado na vida dos que se arrependem.
- Nem todas as pessoas conseguem entender que são beneficiadas diariamente pela graça de Deus.
- Nem todas as pessoas conseguem entender que existem dois tipos de graça.

Existe a graça que nos mantém vivos para essa vida. Essa graça nos permite falar, ver, ouvir, sorrir, brincar, comer, trabalhar, dormir, etc. Ela se chama *graça temporal*. Mas existe outra graça, a *graça do Gólgota*. Uma vez aceita, essa graça faz dos homens filhos de Deus e herdeiros da vida eterna. Muitas pessoas não entenderam ainda que no Gólgota, quando Jesus disse: “Está consumado”, Ele disse: “Está pago. Está quitado. Ninguém deve mais nada.”

Então, o que o evangelho faz por nós? *Ele nos convida a tomar posse da graça!*

Algumas pessoas oram assim: “Deus, perdoa meus pecados.” Mais do que um simples perdão, pecado é pagamento de dívida. Os horrores da cruz mostram que todos os pecados da humanidade já foram pagos. *A Oração do Senhor* nos diz: “perdoa as nossas dívidas” (Mateus 6:12).

Dívida é confissão de culpa. Como nossa culpa Jesus já pagou, agora só precisamos nos apossar do crédito. E como nos apossamos desse crédito? Aceitando Jesus como nosso Senhor e Salvador. Como fazemos isso? Primeiro devemos nos arrepender, depois devemos confessar nossa culpa e aceitar o crédito de Seu sacrifício. Depois disso, como diz o apóstolo Paulo, devemos andar em “novidade de vida”, ou seja, o que fazíamos antes não faremos mais. (Romanos 6:4-14; Colossenses 3:5-11).

“O evangelho de Jesus Cristo é graça compensada. Graça efetivada.” (www.pazemjesus.com.br – Benedito Muniz). A Bíblia não nos fala se o centurião entendeu toda a aula sobre a graça, que lhe foi ministrada no Calvário. A Bíblia não revela quanto do percentual da graça o centurião romano conseguiu compreender, mas deixa claro que ele entendeu o suficiente para ser um novo homem.

CONCLUSÃO

Penso não ser produtivo, a essa altura, tentar argumentar se o centurião tornou-se ou não um cristão.

Creio que essa é uma discussão desnecessária. Há quem diga que sim, há quem diga que não.

Não temos como saber hoje. Um dia todos os salvos pela graça saberão. O fato é que aquele centurião teve a oportunidade de ser profundamente marcado pela esperança da graça salvadora de Cristo. Ele esteve ao pé da cruz, bem junto a Cristo, e isso o aproximou de Jesus o suficiente para ser impressionado a dar tão grande testemunho.

Não podemos responder nada sobre a salvação do centurião, mas você pode responder hoje sobre o que fará com a salvação que lhe está sendo oferecida agora!

Está você bem junto à cruz e reconhece o maior sacrifício de todos os tempos? Está perto o suficiente de Jesus para ser impressionado por Sua graça, por Seu amor, pelas MARCAS DE ESPERANÇA?

APELO: Jesus revelou hoje a Sua graça por meio da Palavra. Você também será sensível ao que foi revelado?

Você quer se apossar da graça eterna hoje?

A Esperança dos Discípulos de Emaús

Texto Bíblico: Lucas 24:13-35

OBJETIVO DO SERMÃO: Mostrar que a ressurreição de Jesus Cristo é a esperança de vida eterna.

INTRODUÇÃO:

O texto para hoje começa assim: “Naquele mesmo dia...”.

Que dia? O evangelho de Lucas deixa claro que esse era o dia da ressurreição de Jesus.

Dois discípulos “estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús”. Ellen White afirma que Emaús era uma “pequena aldeia a cerca de doze quilômetros de Jerusalém” (*O Desejado de Todas as Nações*, 1990, p. 795).

O comentarista Russel Norman Champlin afirma que “eles iam conversando sobre as cenas da crucificação que ainda estavam bem nítidas em sua memória, e a passagem do tempo, da sexta-feira para o domingo, de forma alguma desfizera as tremendas lembranças dos horrendos acontecimentos daqueles dias recentes” (*O Novo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo*, 1987, v. 2, p. 238).

Champlin ainda comenta: “... podemos entender como os seus corações estavam tristonhos e perplexos, posto que estavam acostumados a um contato íntimo com o Senhor Jesus. A perda de Jesus, por conseguinte, deve ter sido sentida mais agudamente por eles do que por muitos outros discípulos” (Idem).

Algumas tradições cristãs de tempos posteriores sugerem que esses

dois discípulos eram membros do grupo especial dos setenta. (Eusébio, *História Eclesiástica*, v. 3, p. 11).

O versículo 18, identifica de forma patente que um dos discípulos se chamava Cléopas, e tradições cristãs posteriores, registradas por Eusébio, afirmam que o outro discípulo atendia pelo nome de Simão, e era filho de Cléopas (Idem).

Quais são as grandes lições que podemos tirar da vida desses dois discípulos a caminho de Emaús?

I – A PRIMEIRA GRANDE LIÇÃO

Os versos 15 e 16 dizem assim: “Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus chegou perto e começou a caminhar com eles, mas alguma coisa não deixou que eles O reconhecessem.” Conversavam e discutiam sobre um morto que havia ressuscitado e sobre uma sepultura que estava vazia. Por que eles não viam? Cada um de nós pode levantar algumas hipóteses.

O texto bíblico diz que eles estavam entristecidos, e o verso 21 sugere que também estavam decepcionados. Decepcionados por quê? Eles acreditavam que o reino do Messias seria político. Esperavam a restauração do trono de Davi. Pensavam que Jesus usaria Seus poderes sobrenaturais para destronar o Império Romano. Suas esperanças se espatifaram contra as paredes de uma sepultura. Eles não conseguiam enxergar o desígnio divino para a morte de Jesus. Tristeza e decepção foram os dois primeiros fatores que fizeram esses dois discípulos perderem a consciência da presença de Jesus.

O que mais pode levar os homens a perderem a consciência da presença de Jesus? O verso 19 nos ajuda a encontrar essa resposta.

II – A SEGUNDA GRANDE LIÇÃO

Esses versos refletem a compreensão desses dois discípulos quanto à missão de Jesus. “Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo...”. Para eles, Jesus era um profeta extraordinário e um mensageiro de Deus, como

ainda não havia aparecido em Israel durante diversos séculos. Na verdade, estiveram por três anos com Jesus e continuavam crendo nEle apenas como um profeta.

Podemos dizer que o sofrimento e a tristeza provinham da ignorância deles com relação à pessoa de Cristo. Ainda hoje é assim. Milhares de pessoas vivem sofrendo por causa da ignorância que têm acerca da pessoa de Deus.

Vou dar um exemplo do que estou falando, com base em um comentário que encontrei num site adventista:

O que é salvação? Não podemos responder a essa pergunta sem desconstruir a visão que a maioria das pessoas tem de Deus, uma visão de que Ele é um Deus severo. A Bíblia não apresenta Deus assim. Apresenta-O como sendo um Deus de amor. (1 João 4:8).

No processo da salvação, a maior dificuldade das pessoas chama-se consciência de culpa. As pessoas têm uma intuição natural de que estão em dívida com um ser superior. Essa atitude se manifesta em todas as camadas sociais, em todas as culturas e civilizações. Sempre vamos ver o homem tentando quitar a sua dívida para com Deus. Isso é errado? – Sim. Quando nós pensamos em salvação, pensamos em ação e reação. Numa conclusão errada, o ser humano quer ser a ação para que Deus seja a reação. Então ele age para que Deus reaja.

Vou dar alguns exemplos: Vamos procurar ser bonzinhos para Deus nos abençoar; vamos fazer penitências e sacrifícios para Deus nos ouvir; ou vamos pagar promessas para Deus acabar nos aceitando. Isso não é bíblico. Isso é a base do paganismo e a base de toda religião falsa. Biblicamente falando, numa teologia correta, devemos compreender que a ação é de Deus e a reação é do homem.

Deixe-me dar um exemplo a partir de um verso bíblico bastante conhecido (João 3:16). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Qual é a ação de Deus? Ele amou e deu – o Seu Filho unigênito. Qual é a reação do

homem? É crer e ter – a vida eterna. Uma coisa todo ser humano precisa entender para se livrar da consciência de culpa:

Jesus já quitou a nossa dívida. Todo ser humano precisa aceitar isso pela fé.

Muitas pessoas falam sobre fé, mas não sabem o que é fé. Fé é reação do homem à ação de Deus. O Senhor Deus nos aceitou na pessoa de Seu Filho. Fé é aceitar que você foi aceito. Assim, fé é aceitar a aceitação. Muitas pessoas pensam assim: “Será que Deus vai me aceitar?” – quando essa pergunta quem nos faz é Deus: “Aceitarás Minha aceitação de ti?” O cristão é um ser humano que compreendeu a ação de Deus. Em outras palavras, o cristão é um ser humano que confessa: “Eu aceito que Tu me aceitaste.”

Ninguém precisa conquistar a Deus porque Ele nos conquistou. Ninguém precisa agradar a Deus porque Ele se tornou agradável a nós. Ninguém precisa fazer sacrifício porque Ele ofereceu sacrifício por nós.

Toda base do paganismo é o homem oferecendo sacrifício para agradar aos seus deuses. No cristianismo puro é diferente: Deus ofereceu o sacrifício para nos agradar e nos convencer do Seu amor. Nosso primeiro passo para a salvação é aceitar o sacrifício de Deus.

(www.pazemjesus.com.br – Benedito Muniz)

Será que isso já está claro na mente de todos nós hoje? Na mente dos dois discípulos de Emaús ainda não estava claro quem era Jesus. Na mente dos líderes judeus, do povo em geral e dos líderes romanos também não estava claro quem era Jesus. Alguns pensavam que Jesus era um grande guerreiro. Ao invés de guerreiro, Jesus assumiu a figura do pastor de ovelhas para com o povo. Ele Se importava com os pobres, amava sem julgar, e para os desesperançados dava sempre uma nova chance. Seus seguidores eram pessoas simples, e mesmo sabendo os pecados deles Jesus os amava.

Os guerreiros matavam para ganhar as guerras, Jesus entregou a Sua própria vida para nos dar a vitória. Os romanos ganhavam guerras e se mantinham no poder pela violência, Jesus ganhava vidas e conquistava corações.

Os discípulos acusaram os sacerdotes e as autoridades romanas pela morte de Cristo (verso 20). Assim declarando, admitiram que a morte de Cristo fora por razões totalmente religiosas ou políticas. Ignoraram as palavras que Jesus havia dito: “Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28).

O verso 27 mostra o que Jesus fez para reverter esse quadro: “E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras.”

Jesus utilizou toda a Bíblia para revelar o plano da salvação. Alguns hoje querem revelar o plano da salvação utilizando a Bíblia parcialmente. Outros querem revelar o plano da salvação sem utilizar a Bíblia. Jesus nos deu o exemplo que devemos imitar. Ele começou com Moisés, ou seja, começou com o Pentateuco, com Gênesis, provavelmente com Gênesis 3:15.

No verso 32, vemos o que acontece quando toda a Bíblia é utilizada para revelar o plano da salvação. “Porventura, não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava, quando expunha as Escrituras?”

Quando a Bíblia fala, os corações são aquecidos.

III – A TERCEIRA GRANDE LIÇÃO

Os versos 22-24 indicam certa insensibilidade nesses dois discípulos quanto a ouvir testemunhos. Várias pessoas falaram sobre a ressurreição, mas eles não acreditaram. O próprio Jesus muitas vezes falou sobre Sua morte e ressurreição.

“Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei” (João 2:19-22).

“Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites

no coração da Terra” (Mateus 12:40).

“E O entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá” (Mateus 20:17-19).

Os olhos desses dois discípulos não enxergavam porque estavam fitos na prisão, no julgamento e na crucificação de Jesus, e não na Sua ressurreição.

Procuravam Jesus entre os mortos, e Ele estava vivo! A tristeza e desesperança não os deixavam vê-Lo ao seu lado. Quando o *Estranho* perguntou sobre as últimas notícias, os dois discípulos falaram sobre a morte de um profeta. A última notícia não era a morte de um profeta, mas a ressurreição do Filho de Deus! A esperança desses dois discípulos dependia dessa certeza. A nossa também.

CONCLUSÃO

Há alguma atitude que precisamos tomar para gerar uma mudança em nossa vida? Os dois discípulos de Emaús constrangeram Jesus a ficar com eles (versos 28 e 29). A palavra constranger tem o sentido de insistência, mostrar que é muito importante a presença de alguém. A presença de Jesus é muito importante para você?

Quando Jesus orou pelos alimentos, os olhos deles se abriram. Ao fecharem os olhos para orar, os olhos do entendimento se abriram. Naquele momento, Jesus desapareceu da presença deles. (verso 31). Jesus havia dado o estudo bíblico, havia feito o apelo, portanto, já podia deixá-los. O apelo foi atendido “na mesma hora” (verso 33).

Então eles voltaram imediatamente para Jerusalém, a fim de testemunhar sobre a ressurreição do Senhor. As MARCAS DE ESPERANÇA da ressurreição estavam visíveis na vida desses dois discípulos. Iniciaram a viagem sem nenhuma esperança, mas, após essa revelação, o coração deles parecia não conter tanta esperança. Eles queriam dizer a todos: Jesus está vivo!

Às vezes, nós nos apegamos a tantas coisas nesse mundo que nos esquecemos de uma linda promessa que Jesus nos fez: “Estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mateus 28: 20). Só

um Deus vivo poderia fazer essa promessa.

A ressurreição de Jesus Cristo é a esperança da vida eterna.

APELO: Será que temos demonstrado que Jesus está vivo para nós? Será que estamos conscientes de Seu papel como nosso Sumo Sacerdote, que está ministrando por nós agora lá no santuário celestial?

Durante esta semana, você estudou sobre vidas marcadas com a esperança por terem, de alguma maneira, encontrado o Salvador. A grande notícia, porém, é que Ele está vivo e continua marcando vidas com a mesma esperança. Ele continua colocando MARCAS DE ESPERANÇA em nossa vida, as marcas do perdão, de salvação e da vida eterna, com a certeza do Seu breve retorno!

Por que você não aproveita este momento e deixa o seu coração arder de esperança, entregando-se a Cristo AGORA?

Bibliografia:

- Champlin, Russell Norman, *O Novo Testamento Interpretado*, Comentário Versículo por Versículo, 2 volumes (São Paulo: Editora Candeia, s.d.), p. 180.
- *Comentario Bíblico, Adventista do Sétimo Dia*, 5 volumes (Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana), p. 625-627.
- Bertolini, Lucila Benatte de Almeida, *Relações Entre Condições Emocionais e Qualidade de Vida* (São Paulo, SP: Editora Metodista).
- Almeida, de Ferreira João, *A Bíblia Sagrada*, (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil) 2ª Edição, 1988.
- Wiersbe, Warren W, *Comentário Bíblico Expositivo*, NT. V. I. (Santo André, SP: Editora Geográfica) 2010.
- John D. Davis, *Dicionário da Bíblia* (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista), 1978.
- Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), 1990.



www.esperanca.com.br